

maio
junho
73



O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO

A VOZ DO MINISTÉRIO ADVENTISTA

DIRETOR

RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

COLABORADORES

R. A. WILCOX
ENOQUE DE OLIVEIRA

REDATOR

CARLOS A. TREZZA

DEPTO. DE ARTE

HENRIQUE C. KAERCHER

NESTE NÚMERO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO:

Pregar e Batizar 3

Rubén Pereyra

É o Batismo um Sacramento? 5

Salim Japas

O Chamado "Movimento Carismático" 8

Vítor Ampuero Matta

O Adventismo, em Face do Calvinismo e do Arminianismo 13

Léo Ranzolin

Carta a Uma Igreja 16

(Autor Suposto)

O Diretor Faz Dez Perguntas
ao Dr. Max Mallqui 18

Rubén Pereyra

Perguntas Sobre Doutrina 21

Operação Avante 24

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 Sto. André, S. Paulo.

MUDANÇA DE ENDEREÇO — No caso de mudança de endereço enviar o antigo e o atual.

Assinatura Anual US\$ 3,00

Número Avulso US\$ 0,50

"PORQUE não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho," escrevia Paulo aos coríntios, a fim de enfrentar as disputas existentes entre eles quanto à paternidade espiritual de cada um. "Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio... Também batizei a família de Estêfnas; além destes não me lembro se batizei algum outro." I Cor. 1:17, 14 e 16. Seria Paulo um péssimo evangelista que ganhara tão poucas almas, ou seria tão mau secretário de igreja que não guardara registro do seu trabalho? Não, Paulo era um verdadeiro ministro, que sabia exatamente qual era o objetivo supremo do seu ministério.

Que significa a expressão "Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho"? O SDABC dá a seguinte explicação: "Paulo estava ansioso que somente Cristo fosse exaltado e os homens e mulheres fossem ganhos por Ele. Deixou bem claro que sua principal tarefa não era batizar, mas persuadir a que se entregassem ao Salvador. Não era seu propósito dar a entender que não batizaria a ninguém, mas sim, que se soubesse que não estava procurando glorificar-se a si mesmo por um grande número de batismos." Seu grande desejo era que "o instrumento humano na obra de salvação fosse perdido de vista, e que os olhos dos pecadores arrependidos se concentrassem somente em Jesus." — SDABC, Vol. 6, pág. 664.

Em outras palavras, não é que lhe não interessasse ganhar almas; o que não havia procurado era o crédito humano que se dava aos frutos do seu trabalho. Ele estava cumprindo o grande cometimento divino! Paulo era um grande evangelista, era o instrumento divinamente escolhido para levar o evangelho aos gentios. Sua obra foi de primeira magnitude. Não deveríamos nós, à luz desta declaração de Paulo, revisar de quando em quando os objetivos que nos impulsionam à ação? Orgulhamo-nos de números ou da obra redentora de Cristo? Alegramo-nos a estatística porque nos recomenda bem, ou porque são vitórias em Cristo?

Para que batizamos? Nós batizamos aqueles que, havendo conhecido a verdade, havendo-a aceito, havendo feito arranjos com Deus em relação a sua vida passada e

De Coração a Coração

desejando viver uma vida nova mediante o Espírito Santo, desejam dar agora um testemunho público de sua experiência. O batismo não é toda a experiência de que necessitam, mas sim, é uma confirmação da experiência que já o precedeu. Sem essa experiência, não tem valor o batismo. Batismo e salvação não são sinônimos: um tem relação muito íntima com o outro, mas não vão necessariamente unidos.

Os registros celestes não são sempre iguais aos terrestres. Aqueles não anotam todos os nomes que o secretário da igreja anota. Podemos aventurar-nos também a dizer que o Céu registra alguns frutos de nosso ministério que não foram registrados na Terra.

A quem podemos batizar? Que polêmicas poderiam levantar-se à sombra desta pergunta! Contudo, o básico pode resumir-se em poucas palavras: Não estamos autorizados a batizar a todos quantos desejam sê-lo, mas aos que hajam experimentado a mudança de que o batismo é um símbolo. O batismo em si não lava os pecados passados. Lava-os se tiverem sido confessados, abandonados e perdoados. Para alguns o batismo não é mais do que um simples banho público. Os requisitos estão claramente delineados em Evangelismo, pág. 239 (Edição em espanhol): "Os pastores que trabalham nas vilas e nas cidades a fim de apresentar a verdade, não devem sentir-se contentes, nem devem pensar que sua obra está terminada, até que os que houverem

PREGAR E BATIZAR



aceito a teoria da verdade percebam verdadeiramente o efeito do seu poder santificador e estejam realmente convertidos a Deus."

O problema surge ao procurar-se julgar quem está verdadeiramente convertido e quem não está. Há, entretanto, certos indícios reveladores. Vejamos um exemplo: Faz pouco visitávamos uma fiel irmã idosa. Ela nos contou quão difícil havia sido para o pastor levá-la à decisão. Ele havia prometido até realizar um batismo "só para ela," se ela se decidisse. E a anciã nos contou como se cumprira a promessa do pastor. Ela havia sido batizada só... porque os outros seis candidatos não se haviam apresentado para a cerimônia.

Por que não compareceram os outros seis? Problemas de transporte? Visitas inesperadas? Pode ser, mas temos de admitir a possibilidade de que alguns do grupo tivessem sido apenas convencidos de que deviam batizar-se, sem que a experiência prévia ao

batismo houvesse sido uma realidade. Tais batismos não têm maior significado diante de Deus, embora agreguem uma unidade a mais ao informe trimestral.

Resta tirar algumas conclusões destes pensamentos. A primeira é esta: Ninguém deveria interpretar estas idéias como um chamado para batizar menos. Estamos batizando muitíssimo menos do que poderíamos, dadas as possibilidades atuais. O potencial do ministério adventista e dos leigos sul-americanos é hoje como "um caminhão para 20 toneladas e que leva um saco de batatas em cima," como o expressou faz pouco tempo um pregador. Podemos e devemos fazer mais, muito mais, do que atualmente estamos fazendo. Temos um potencial enorme ocupado apenas com coisas triviais, forças que bem usadas dariam à igreja um impulso incalculável. Em nosso programa de atividades diárias, semanais, mensais e anuais, como pastores-evangelistas que somos, figuram horas e dias preciosos gastos com coisas supérfluas. Se estas horas gastas em que-fazeres que poderiam ficar em mãos de leigos, fossem usadas em visitação e introdução pessoal; se tivéssemos todos um arquivo que nos evitasse desperdiciar inutilmente esses minutos — que com o tempo se transformam em dias — na busca "daquela citação" de que necessitamos; se nossas comissões dedicassem mais tempo no planejamento e apoio à evangelização em todas as formas, não precisaríamos conformar-nos com 30 mil almas num continente que poderia trazer para a fé num só ano 100.000 pessoas.

Vamos batizar mais e mais cada dia. Vamos elevar os alvos. "Não sejamos escravos da História," dizia o Pastor Cleveland aos alunos da classe de evangelismo. "Não nos conformemos com dez porque no ano passado batizamos oito," costuma dizer. Vamos olhar alto, com fé, e a colheita virá. Unidos, fortemente unidos, promovamos um programa de ação coordenada. Não vamos batizar mais para ganhar este ou aquele. Vamos batizar para que o sacrifício de Cristo não seja em vão, para que haja mais redimidos.

"Não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho." O obreiro adventista deve pregar o evangelho eterno; ante isto os pecadores responderão, dizendo: "Varões irmãos, que faremos?" O pregador dirá: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo." Esta é nossa missão em 1973. — Rubén Pereyra.

É o Batismo um Sacramento?

I — ANTECEDENTES: O Espírito de Profecia nos diz que “os ritos do batismo e da Ceia do Senhor são duas colunas monumentais, uma fora e a outra dentro da igreja. Nestes ritos Cristo tem escrito o nome do Deus verdadeiro.”¹ E nós insistimos em dizer que o batismo é, efetivamente, um rito, mas um rito com SIMBOLISMO multiforme, por meio do qual se proclama: primeiro, a PURIFICAÇÃO dos pecados do catecúmeno (Atos 22:16); em segundo lugar o batismo é um JURAMENTO de lealdade que fazemos perante Deus e as testemunhas presentes, ao iniciarmos a nova vida em Cristo (II S. Pedro 1:4), sendo em terceiro lugar o SINAL ou SELO da entrada do catecúmeno à comunidade dos fiéis. (Atos 2:41.)

Como rito significativo, o batismo é anterior à era cristã, tendo sido prática generalizada entre os judeus. Os prosélitos do judaísmo deviam passar pela experiência do batismo antes de ser admitidos à comunidade dos crentes. Com o batismo de João Batista, porém, inicia-se um capítulo novo e singularíssimo na história da salvação, porque João, segundo o atesta o evangelho, preparava “o caminho do Senhor” (S. Marcos 1:2-8; S. Lucas 1:14-17; S. João 1:29-31), sendo, por desígnio de Deus, o instrumento para realizar um ato de iniciação único e não repetível: o batismo de Jesus (S. Mat. 3: 13-15).

Observe-se que o Senhor Jesus pede para ser batizado por João a fim de cumprir “toda a justiça;” e cumprir toda justiça equivale aqui a DAR INÍCIO A SEU MINISTÉRIO COMO FILHO DE DEUS. Note-se que ao sair da água Ele Se ajoelha à margem e “o olhar do Salvador parece penetrar o Céu, enquanto derrama os ansiosos de Sua alma em oração. . . . *Pede o testemunho de que Deus aceita a humanidade na pessoa do Seu Filho. . . . Os céus se abrem . . . e dos céus abertos ouve-se a voz, que dizia: ‘Este é Meu Filho amado, em quem Me tenho comprazido.’*”² Nessa ocasião “Deus falou a Jesus como nosso representante.”³ É nesse sentido que o batismo chega a ser mediante Cristo, precisamente isto, o sinal de nossa incorporação à família celestial, porque “todos quantos fomos batizados em Cristo, já nos revestimos de Cristo.” Gál. 3:27.

II — O BATISMO SACRAMENTAL: Devemos perguntar aqui se o batismo praticado pela igreja adventista participa da qualidade sacramental do batismo católico romano. Pois bem, se por sacramento queremos significar o que a dogmática católica ensina, nosso batismo NÃO É, de modo algum, sacramento. E nisto devemos ser precisos. Na teologia dogmática (romana) o batismo é um dos sete sacramentos.



Por sacramento entendem eles “o que produz a graça santificante por si mesma (ex opere operato), isto é, prescindindo dos atos daquele que os recebe (ex opere operantis).⁴ O batismo, dizem eles, “é uma ablução que lava o corpo e significa a graça santificante que lava a alma da mancha do pecado.”⁵ Por isto, “até as crianças que nenhum pecado puderam cometer elas mesmas, são batizadas com toda verdade para livrá-las do pecado, a fim de que neles se purifique pela regeneração o que pela geração contraíram; vale dizer, pela regeneração espiritual se vejam livres do pecado original que contraíram por descender de Adão por geração.”⁶

Das declarações anotadas deduz-se claramente que para a dogmática romana o batismo infunde a “graça santificante (ex opere operato), isto é, por virtude própria, com dispensa dos atos do que o recebe, e demais disto, lava a alma de todos os pecados e do pecado original.” Não vejo como nós possamos conciliar o conceito sacramental com a doutrina bíblica. Há um abismo insondável.

III — A SIMBÓLICA BATISMAL: E agora nos toca expor brevemente qual o conceito adveniente do batismo.

1. *Símbolo de purificação*: Como indicamos em parágrafos anteriores, o batismo evangélico se nos apresenta na perspectiva de um simbolismo múltiplo. “Como símbolo da purificação do pecado, João Batista batizava nas águas do Jordão. Assim, mediante uma lição objetiva de muito significado, declarava que todos que quisessem fazer parte do povo eleito de Deus, estavam contaminados pelo pecado, e que sem a purificação do coração e da vida, não poderiam ter parte no reino do Messias.”⁷

A Saulo de Tarso foi dito: “Levanta-te, recebe o batismo, e lava os teus pecados invocando o nome de Ele.” Atos 22:16. Mas aqui precisamos tomar cuidado com as derivações que possamos obter do texto, já que NÃO É a água o que tira a mancha do pecado. O batismo “não tira a imundície da carne,” diz Pedro, e acrescenta: “O qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundície da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo.” I S. Pedro 3:21. Reforcemos esta idéia aqui uma vez mais: os pecados são lavados “com o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, que nos limpa de todo pecado” (I S. João 1:7), pois sem derramamento de sangue não há remissão.” Heb. 9:22. Convém recordar que um dos requisitos para o recebimento do batismo é o arrependimento (Atos 2:38) pelo pecado cometido, e a manifestação de um profundo desejo de ser limpo. A irmã White nos diz que “muitos se

unem à igreja sem estar previamente unidos a Cristo.”⁸

O batismo é um *símbolo de purificação*, em que o Espírito Santo testifica da obra que foi realizada na alma. Há entre o batismo da água e o batismo do Espírito Santo a relação que há entre a “palavra humana” e a “palavra de Deus.” Na pregação, por exemplo, a palavra humana *não chega a ser* palavra divina senão quando o Espírito Santo torna a palavra humana a palavra de Deus para aquele que a escuta com fé. Assim o batismo que é realizado por um ser humano não se converte em ato divino, símbolo válido de nossa salvação em Cristo Jesus, até que o Espírito Santo dê testemunho no coração do batizado que o recebe pela fé.

2. *Juramento de lealdade*: No ano 1903, a irmã White escreveu o seguinte a respeito do batismo: “Quando os cristãos se submetem ao rito do batismo, o Senhor registra o voto que fazem de ser fiéis. Este voto é o seu JURAMENTO DE LEALDADE... Se são fiéis a seu voto, serão providos de graça e poder que os habilitarão a cumprir toda a justiça.”⁹ E se o batismo é um juramento de lealdade, e não um sacramento como o quer a dogmática romana, que sentido pode ter o batismo de crianças? Sabemos que o batismo infantil se originou com o afirmar-se a sacramentalidade da água e seu poder para tirar a mancha do pecado original.

O Novo Testamento ignora de modo absoluto a idéia do batismo sacramental, sempre que entendermos por sacramento o que diz R. Bultmann, ao defini-lo: “Uma ação que, por meios naturais, põe em ação forças sobrenaturais, em geral mediante o emprego de palavras pronunciadas acompanhando a ação e que, pelo simples fato de serem pronunciadas no teor prescrito, liberam essas forças.”¹⁰

Não admitimos que o batismo seja um sacramento, mas às vezes confessamos que é um SINAL da salvação que Deus oferece ao mundo em Jesus Cristo crucificado, sepultado e ressurrecto (Rom. 6:3). O batismo não é somente uma oração em que se jura lealdade a Deus e se suplica o Espírito Santo; ali Deus testifica ao crente de forma pessoal, que a oração foi ouvida e o pedido concedido.

3. *Sinal de entrada*: “Cristo tornou o batismo um sinal de entrada em Seu reino espiritual... Antes que o homem possa encontrar um lar na igreja e antes de transpor o umbral do reino espiritual de Deus, precisa receber a impressão do nome divino: ‘O Senhor, justiça nossa.’”¹¹

O catecúmeno abandona a “família do pecado” e é adotado na “família de Deus” me-

(Continua na pág. 23)

O CHAMADO “Movimento Carismático”



O apóstolo Paulo dedica duas passagens (I Cor. 12 e Efés. 4) ao tema dos dons do Espírito. No idioma do Novo Testamento, esses dons são chamados *tá carismata* (um neutro plural). Dessa palavra (carismata) derivou o substantivo “carisma” (dom do Espírito), e também o adjetivo “carismático” (referente a esses dons).

Através dos séculos do cristianismo, tem havido sempre quem se interesse muito pelo tema dos dons prometidos como provenientes diretamente do Céu para atuar nos seres humanos de forma sobrenatural.

É possível que se haja pensado muitas vezes na manifestação externa desses dons (especialmente o de línguas e o de curar), sem ter em conta o seu propósito final: “o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo.” Efés. 4:12.

Pois bem, a partir do ano 1900 começou em Kansas, Estados Unidos, um movimento religioso que pôe muita ênfase nos fenômenos que se supõe sejam provocados por instrumentalidades celestes em cumprimento à promessa: “Estes sinais seguirão aos que crêem: em Meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas... porão as mãos sobre os enfermos, e os sararão.” S. Marcos 16:17 e 18.

Este movimento foi denominado “neo-pentecostal” e agora foi melhor definido como “carismático.” Foi condenado desde o seu início por diversas igrejas protestantes. Contudo, o seu crescimento tem sido prodigioso (alguém o chamou “aterrador”). Pelo ano 1960 já havia influído sobre uns oito milhões de pessoas. Dizemos “influído” e não falamos de membros de uma nova denominação ou igreja, porque esta nova tendência rompeu as barreiras denominacionais, adquirindo um matiz ecumênico que chama muito a atenção.

Na década de 60 a 70 estima-se que uns 30 milhões de pessoas adotaram alguma forma de pentecostismo. Outra vez chamamos a atenção para o fato de que não se trata de uma nova igreja propriamente, mas de um movimento que pretende não constituir-se em uma nova instituição eclesiástica, senão de uma forma que se aproxime mais ferventemente de Deus, a fim de receber do Altíssimo o gozo de alguns dos dons prometidos — conquanto na prática, a manifestação que predomina é a glossolalia — é também a mostra de amor que deve existir entre todas as igrejas que, para eles, constituem “o corpo de Cristo.”

De todos os modos — e não importa qual seja o enfoque que se dê a esta nova corrente — o fato é que sua difusão é portentosa (30 milhões de, como os chamaríamos, “afetados” numa só década).

Também é muito poderoso o seu impacto

dentro da orientação ecumênica. Leia-mos: “O pentecostismo (ou melhor, o ‘carismatismo’ tem chegado a ser a força ecumênica mais poderosa no mundo cristão.” — *The Catholic Leader*, 23 de janeiro de 1972.

Com Aparência de Reavivamento Religioso

“O pentecostismo é a força que parece estar fazendo a maior contribuição ao atual reavivamento cristão em todo o orbe. Este movimento, que começou há várias décadas, está se convertendo agora em ecumênico no sentido mais profundo. Ultimamente apareceu um neo-pentecostismo que inclui a muitos milhares de católicos... Começou uma nova era do Espírito. A experiência carismática move os cristãos para muito além da glossolalia. Há luz no horizonte. Um renascimento evangélico se faz visível ao longo de toda a senda cristã, desde as fronteiras das seitas até os lugares elevados da comunhão católica-romana. Este parece ser um dos momentos mais cruciais na história da igreja.” — *Christianity Today*, 14 de fevereiro de 1972.

Convém ressaltar que a revista que acabamos de citar tem-se caracterizado através de longos anos como órgão defensor das doutrinas que emanam da Bíblia. Entre os seus colaboradores figuram respeitáveis pessoas do protestantismo atual, que tendem para o fundamentalismo. Por isto chama a atenção que uma publicação tal se incline tão decididamente por uma forma de expressão religiosa que foi condenada tão categoricamente faz algumas décadas. Também merece destaque a expressão “inclui a muitos milhares de católicos.”

O Movimento e o Catolicismo

É surpreendente ver a facilidade com que muitos teólogos e prelados católicos aceitam como válidos o carismatismo, que encontrou campo muito mais propício na igreja católica do que nas igrejas protestantes.

“Dentro do catolicismo, o pentecostismo encontrou muito menos resistência do que a que encontrou nas igrejas históricas protestantes — em parte porque o conceito do ‘maravilhoso’ se adapte melhor ao catolicismo do que ao protestantismo em geral.” — *Catholic Pentecostalism*, Killian MacDonald, pág. 31.

A universidade católica norte-americana de Notre Dame* é agora um foco poderoso de carismatismo (com todas as suas manifestações supostamente de origem celestial).

* A Universidade Notre Dame fica em South Bend, Est. de Indiana, e bem próximo de nossa *Andrews University*, em Bertien Springs, Michigan.

O CHAMADO...

Talvez o mais notável neste fenômeno seja o bom acolhimento encontrado nas fileiras católicas de uma tendência religiosa que — assim o reconhecem as autoridades dessa igreja — provém diretamente de denominações ou grupos humildes, de cunho nitidamente evangélico.

Eis a explicação que deste fato nos dá o sacerdote O'Connor: "Os católicos que têm aceito a espiritualidade pentecostal chegaram à conclusão de que está plenamente em harmonia com sua fé e vida tradicionais. Sua experiência não é algo tomado de estranhos, mas um desenvolvimento conatural próprio." — *The Pentecostal Movement in the Catholic Church*, pág. 28. "A experiência especial dos que têm sido tocados pela graça do Espírito Santo no movimento pentecostal (ou melhor, *carismático*), está em profunda harmonia com a teologia clássica espiritual da igreja." — *Idem*, pág. 183.

Entre os católicos que participam desta corrente — assim como entre os evangélicos — parece darem-se casos legítimos de pessoas se expressarem coerentemente em um idioma que não conhecem. Eis aqui um caso: "Em uma reunião de oração em South Bend (EE. UU.), um sacerdote que assistia pela primeira vez a uma reunião perguntou ao homem que estava a seu lado onde havia aprendido grego. Uma e outra vez a resposta foi a mesma: 'Que grego?' Então o sacerdote disse aos presentes que havia ouvido claramente o homem ao seu lado repetir as primeiras linhas da Ave Maria em grego enquanto orava.

"Essa ocasião se converteu num duplo dom de Deus. Desde aquele minuto em diante, a reunião tomou um decidido sabor mariano. As orações, os debates e as reflexões se focalizaram em Maria como o modelo dos cristãos, que sob a sombra e o poder do Espírito de Deus trouxe Cristo ao mundo. Os que não sentimos muita inclinação por uma excessiva devoção a Maria, ficamos um pouco turbados depois da reunião. Estamos ainda um pouco receosos de que não se houvesse honrado o Espírito de Deus quando o foco se desviou de Cristo para Maria. Nós, porém, pobres melindrosos, ficamos confundidos e gozosos ao descobrir que o dia seguinte era uma das festividades marianas do calendário litúrgico. Nossa reunião na noite anterior não havia sido uma diversão medrosa, mas uma ocasião especial. Havia sido uma vigília, uma preparação dirigida pelo Espírito para a festa que se seguiria." — Kevin e Dorothy Ranaghan, *Catholic Pentecostals*, pág. 187.

Deixemos que cada um dos leitores examine os dois parágrafos que acabamos de traduzir, medite em seu significado e chegue às conclusões que resultarem daí. Só formularemos uma pergunta: Este culto a Maria pode provir da religião do Novo Testamento?

A Marcha do Movimento Carismático na Argentina

Na última década têm sido rápidos os progressos desta tendência na Argentina (e provavelmente em todos os países latino-americanos). As estatísticas que a Sociedade Bíblica Argentina difunde, mostraram pela primeira vez, em julho de 1972, a denominação "Movimento Carismático" entre os grupos religiosos distribuidores de Bíblias, Novos Testamentos etc.

Conquanto os seus dirigentes pretendessem durante muito tempo que não tinham a intenção de destruir nenhuma igreja evangélica, nem interferir com nenhuma denominação, o fato é que têm havido

igrejas inteiras que se têm voltado para este movimento. Uma delas — localizada no centro geográfico de Buenos Aires — transformou-se no que agora se conhece como “O Tabernáculo da Fé,” sede central deste novo grupo humano que tanta atração exerce sobre muitos evangélicos e também católicos.

É precisamente um sacerdote católico, professor no Colégio Máximo de São Miguel (prestigiosa e antiga entidade de cultura dos jesuítas) quem abertamente difunde a glossolalia, sendo “sacudido” por forças invisíveis que o constroem a falar línguas.

Fatores que Estão Presentes

Os que participam das reuniões onde haja manifestação carismática estão submetidos a tremenda agitação emotiva e parecem possuídos de um espírito de fervor e também demonstram sinceridade. Todavia, não podem saber qual é a origem da “corrente elétrica” (como o descreve uma senhorita iniciada nessas experiências) que subitamente os possui.

Ademais, esse “espírito” atua em qualquer dos presentes, sem que haja nenhum arrependimento prévio, nenhuma confissão, nenhuma aproximação real dos caminhos do Céu.

Tem-se afirmado até que os que assim são “sacudidos” por forças misteriosas experimentam algo como um orgasmo de ordem nitidamente sensual. Poderia expressar-se assim o Espírito de Deus?

A serva de Deus nos tem advertido faz muitos anos quanto a estas manifestações: “Antes que os juízos de Deus caíam finalmente sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos. . . . O inimigo das almas deseja estorvar esta obra; e antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á para impedi-la, introduzindo uma contrafação. . . . Multidões [deve lembrar-se que são dezenas de milhões os simpatizantes do ‘movimento carismático’] exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. . . . Há um excitação emotivo, mistura do verdadeiro com o falso, muito apropriado para transviar.” — *O Conflito dos Séculos*, pág. 503.

“Alguns ele engana de uma forma, outros de outra. Ele possui diferentes embustes preparados para afetar diferentes mentalidades. Alguns olham com horror para um determinado engano, ao passo que prontamente aceitam outro. Alguns Satanás engana com o espiritismo. Apresenta-se também como um anjo de luz e espalha sua influência sobre a Terra por meio de falsas reformas. As igrejas ficam alvoçadas e consideram que Deus está trabalhando maravilhosamente por meio delas, quando isso é obra de outro espírito. O excitação morrerá e deixará o mundo e a igreja em pior condição que antes.” — *Primeiros Escritos*, pág. 261.

Os adventistas temos sido muito claramente advertidos desta forma tão sedutora do engano.

Lembremos que “destas coisas nós somos testemunhas, e também o Espírito Santo que Deus deu aos que Lhe obedecem.” Atos 5:32. Também ensinemos que a purificação da alma é “pela obediência à verdade, mediante o Espírito.” I S. Pedro 1:22.

O cristianismo genuíno é muito mais do que arroubos e demanda que saibamos discernir os espíritos (I S. João 4:1).

O
CHAMADO...

O ADVENTISMO CALVINISMO E

Posição da Igreja Adventista

Como pudemos observar, Armínio entrou em debate frontal com as teorias de Calvino. Os primeiros anos do século 17 foram testemunhas desta colisão de idéias, com referência à livre vontade do homem.

A controvérsia fez que Calvinismo e Arminianismo se tornassem conceitos teológicos opostos. Todavia, desde então, muitas modificações têm sido feitas nos dois conceitos, sendo que ambos os homens que idealizaram e levaram avante estes pensamentos e doutrinas, ficariam muito surpresos de ver a mudança realizada nestes conceitos que hoje em dia levam os seus nomes.

Transcreveremos, a posição da Organização Adventista com referência ao assunto estudado e conforme é encontrado no livro "Questions on Doctrine," pois cremos que nada esclarece e apresenta melhor o ponto de vista da Igreja. Entrar em outros detalhes, seria apenas especular e fugir do ensinamento como exposto neste livro, que foi feito justamente quando os Batistas lançavam suas redes tentando colher entre nosso povo. Iniciando na página 405, no segundo parágrafo:

"A Igreja Adventista não é nem Calvinista, nem totalmente Arminiana em teologia. Reconhecendo as virtudes de ambos, tem procurado assimilar aquilo que parece ser o ensino da Palavra de Deus.

Enquanto crê que João Calvino foi um dos grandes reformadores protestantes, não pode partilhar de sua idéia que alguns homens "são predestinados para a morte eterna, sem qualquer, demérito deles próprios, meramente pela sua vontade soberana." — Calvín, "Institutes," Livro III, cap. 23, § 2. Ou que os homens "não são todos criados com um destino semelhante; mas que a vida eterna é pré-ordenada para alguns, e a condenação eterna para outros." — *Ibid.*, Livro III, cap. 21, § 5.

Pelo contrário, cremos que a salvação está à vontade de todos os membros da raça humana, porque "Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça mas tenha a vida eterna." S. João 3:16. Regozijamo-nos com o apóstolo Paulo de que "desde a fundação do mundo" (Efés. 1:4) Deus tinha o propósito de enfrentar as necessidades do homem, devesse ele pecar. Este "propósito eterno" envolveu a encarnação de Deus em Cristo, a vida imaculada e a expiação total da morte de Cristo, Sua ressurreição dos mortos e o Seu ministério sacerdotal no Céu, ministério tal que irá ter o seu clímax nas grandes cenas do julgamento." — "Questions on Doctrine," págs. 405 e 406. Começando novamente na página 406:

III. A Raça Humana Perdida Através do Pecado de Adão

"O pecado de Adão envolveu toda a raça humana. "Por um homem o pecado entrou no mundo e a morte pelo pecado," declara Paulo (Rom. 5:12). A expressão "pelo pecado" mostra claramente que ele está se referindo, não aos pecados individuais propriamente, mas sim à natureza pecaminosa que todos nós herdamos de Adão. "Em Adão todos morreram." I Cor. 15:22. Devido ao pecado de Adão "a morte passou a todos os homens." Rom. 5:12.

"Foi para enfrentar o homem em sua necessidade, e para salvar a raça da morte eterna, que a Palavra Eterna se tornou "encarnada." Cristo viveu como um Homem entre os homens, morrendo, então, no lugar do homem. A morte substitucionária de Nosso Senhor é o coração do Evangelho. Quando, pela fé, nós O recebemos, Sua morte se torna nossa morte — "Se um morreu por todos, então todos morreram." II Cor. 5:14. As Escrituras revelam que assim como foi de longo alcance o efeito do pecado de Adão, assim será o efeito da graça livre.

EM FACE DO DO ARMINIANISMO - III

"Diz a Escritura: "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação; assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida." Rom. 5:18. Mas se nós "reinarmos em vida" (verso 17), devemos aceitar o "dom da justiça." E o apóstolo João cita o Senhor, como dizendo: "Quem quiser, tome de graça da Água da Vida." Apoc. 22:17. A única maneira de tomarmos daquela vida é tomarmos a Ele, que é o Autor da Vida. "E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem a vida tem o Filho; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a Vida." I S. João 5:11 e 12. Este dom da vida, nós entendemos, é oferecido a todos; no entanto, somente aqueles que aceitarem a provisão divina, têm vida eterna.

"Em Adão nós herdamos uma natureza pecaminosa. Somos todos "por natureza" "filhos da ira." Efés. 2:3. Sendo judeus ou gentios, nós estamos "todos sob o pecado." "Não há ninguém que busque a Deus. Não há quem faça o bem, não há nem um sequer." Rom. 3: 9, 11 e 12. Conseqüentemente, todos são "culpados diante de Deus." Verso 19. Porém, se os homens apenas aceitarem o dom gratuito de Deus, de justiça, então não importa quão longe eles se afastaram de Deus, ou quão profundamente eles se chafurdaram no pecado, poderão ser justificados, pois a justiça de Cristo, quando aceita, é reputada como deles. Tal é a graça inigualável de Deus.

"Quando Paulo fala da justificação que é nossa em Cristo, ele diz primeiro, que nós somos "justificados gratuitamente por Sua graça" (Rom. 3:24), pois é a *Origem*. Depois, ele diz, que somos "justificados pela fé" (Rom. 5:1), pois a fé é o *Método*. Então ele culmina tudo dizendo que nós somos "justificados pelo Seu sangue" (verso 9), pois o sangue é o *Meio*. Tiago acrescenta uma outra qualidade, decla-

rando que "uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente." S. Tiago 2:24. Mas as obras são a *evidência*, não os meios de justificação. Todos estes fatores vitais unidos operam na vida do cristão, e todos que quiserem podem participar desta gloriosa experiência."

IV. As Provisões Para Nossa Redenção

"Cremos que a Bíblia ensina que nenhum poderá se perder devido à falha de Adão, pois através da obra redentora de Cristo, provisão tem sido feita para todos aceitarem a graça de Deus, através da qual poderão ser salvos do pecado e reestabelecidos na família celestial. Quando o apóstolo João escreveu sobre Cristo Jesus sendo "propiciação pelos nossos pecados," isto é, os pecados dos crentes, a declaração foi feita que a expiação reconciliadora ou propiciação, foi não somente pelos nossos pecados, mas também pelos pecados de todo o mundo. (I S. João 2:2).

"O fato trágico, no entanto, é que nem todos aceitarão o sacrifício e receberão a vida eterna. Jesus disse: 'Contudo não quereis vir a Mim para terdes vida.' S. João 5:40. Em seu apelo de amor, Ele disse: 'Quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos... e tu não o quiseste.' S. Mat. 23:37. E mais tarde, Estêvão acusou aqueles fariseus de serem de dura cerviz e estarem sempre resistindo ao Espírito Santo (Atos 7:51). Assim, através do testemunho bíblico, concluímos que eles não foram *compelidos* a resistir ao Espírito; eles *escolheram* resistir. Concordamos com Armínio, que disse:

"5. 'Todas as pessoas irregeneradas têm livre vontade e a capacidade de resistir ao Espírito Santo, de rejeitarem a graça oferecida por Deus, de rejeitarem o conselho de Deus contra si mesmos, de recusarem aceitar o evangelho da graça, e de não abrirem a Ele, que bate à porta do coração; estas coisas, eles



Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte... Rom. 5:12.

podem realmente fazer, sem distinção do *eleito* e do *réprobo*. (“The Writings of James Arminius” — Baker, 1956, Vol. II, pág. 497).

“O apóstolo Pedro, falando do grande sofrimento de Nosso Senhor, declarou que Ele não quer que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.” II S. Ped. 3:9. Esta mensagem não está restrita ao Novo Testamento; “Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva.” Ezeq. 33:11. Mas quando o homem ímpio se arrepende e volta do seu mau caminho, por este mesmo ato ele se torna um filho de Deus e se coloca a si mesmo onde o Espírito de Deus pode guiá-lo a fazer a vontade de Deus. “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus.” Rom. 8:14.

“É importante que aprendamos ‘qual é a vontade do Senhor.’ Efés. 5:17. Escrevendo aos Tessalonicenses, Paulo disse: ‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.’ II Tes. 4:3. O evangelho de Cristo são boas-novas, contando como Deus pode tomar uma alma perdida, uma que é Seu inimigo por natureza, e depois de perdoar seu pecado pode transformar sua vida de tal maneira, que não somente estará limpo de toda contaminação, mas através do crescimento na graça será mudado conforme à imagem de Seu Senhor.”

V. A Graça Divina Justifica e Santifica

“O primeiro trabalho da graça é justificação. A obra contínua da graça na vida é a santificação. Alguns que comecem no caminho a Deus e se regozijam no fato, ou no pensamento de serem justificados, falham em se apropriarem do poder interior de Cristo, (através do qual eles podem ser santificados, somente) que é apenas através do qual podem ser santificados. O resultado é que no final eles são achados indignos. É por isto que o apóstolo diz: ‘Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados?’ (II Cor. 13:5). Jesus disse: ‘Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos céus.’ (S. Mat. 7:21).

“A graça de Deus é dada ao cristão para que ele possa se desembaraçar de todo peso; e do pecado que tão tenazmente o assedia, e correr

com perseverança a carreira que lhe está proposta. (Heb. 12:1). O poder do Espírito Santo lhe capacita de experimentar a vitória sobre o pecado agora, e de viver uma vida completamente consagrada a Deus. ‘Porquanto a graça de Deus se manifesta salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente.’ (Tito 2:11 e 12). Pela graça nós somos justificados e pela mesma graça nós somos feitos um ‘povo exclusivamente seu, zelo de boas obras.’ (Tito 2:14). E através do Espírito Santo habitando em nós, somos transformados à imagem dEle que nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. Novamente citamos Arminio:

“É esta graça que opera na mente, nas afeições e na vontade; a qual coloca bons pensamentos na mente, inspira bons desejos nas afeições, e dobra a vontade a levar em execução bons pensamentos e bons desejos... evita tentações, assiste e dá socorro em meio às tentações, sustém o homem contra a carne, o mundo e Satanás, e nesta grande carreira dá ao homem a alegria da vitória... Esta graça inicia a salvação, promove-a, aperfeiçoando-a e consumando-a. — “The Writings of James Arminius,” Vol. II, págs. 472 e 473.

“Quando Cristo está vivendo dentro do coração de um verdadeiro cidadão do reino de Deus, será evidente abundantemente, pois cada palavra e ato serão subjugados sob o controle do Espírito Santo. Isto é o que o Senhor espera de Seu povo, pois “aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou.” I S. João 2:6. O grande apóstolo diz: ‘Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nEle.’ (Col. 2:6).

“João Wesley expressou este pensamento em um de seus sermões:

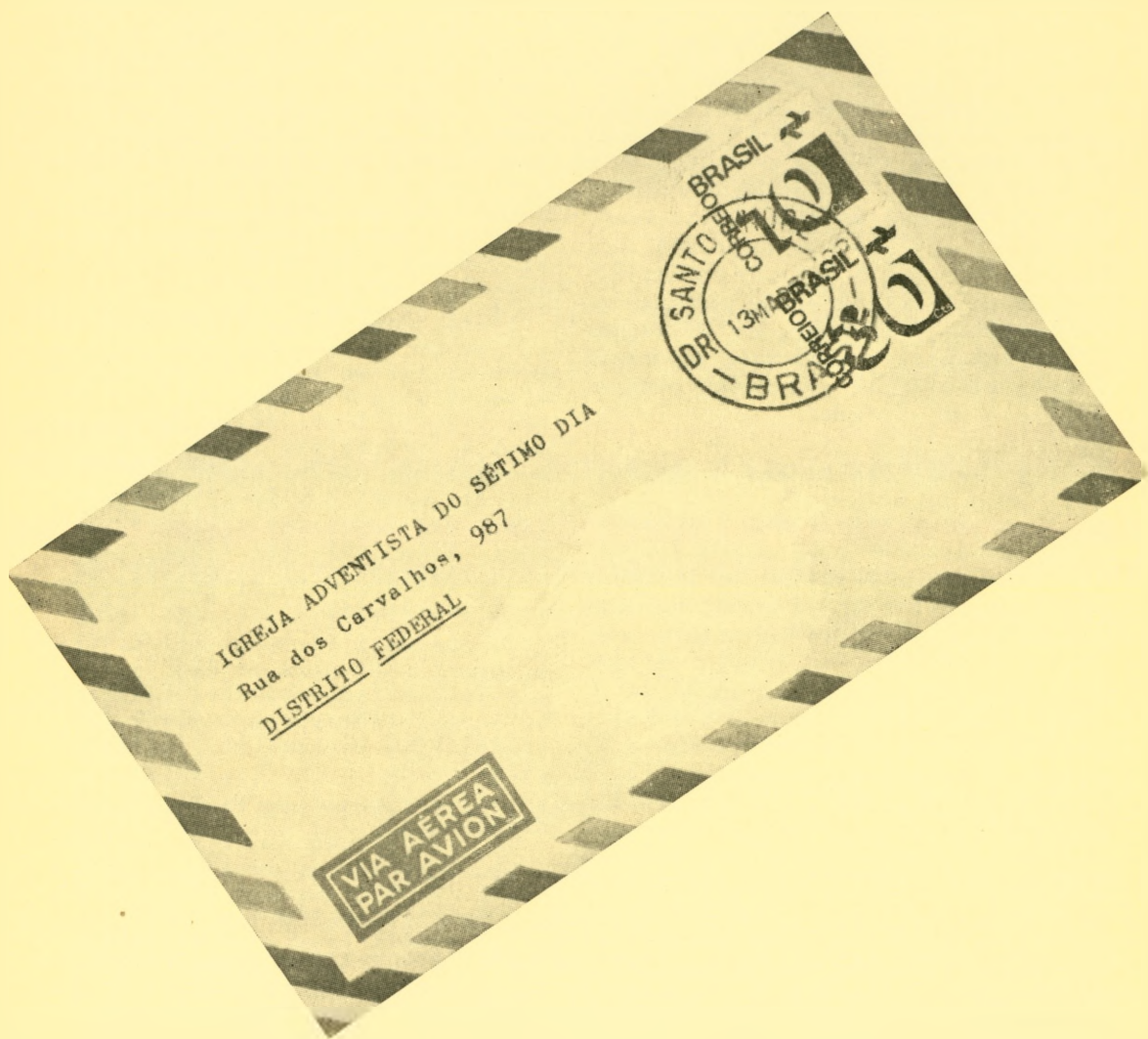
“Pela justificação nós somos salvos da culpa do pecado, e restaurados no favor de Deus; pela santificação nós somos salvos do poder e raiz do pecado e restaurados à imagem de Deus.” (“Sermons: ‘On Working Out Our Own Salvation’”).

“Falando, então do amor de Deus, ele diz:

“Este amor aumenta mais e mais, até que ‘crescemos em todas as coisas nEle que é a nossa Cabeça;’ até que ‘alcancemos a medida da estatura da plenitude de Cristo.’ — (*Ibid.*).

“Realmente, ‘crescer em graça,’ no entendimento de Wesley, não era meramente um privilégio, mas um absoluto requisito para a retenção da ‘grande salvação.’”

A carta abaixo foi enviada por um pastor a sua igreja.
Nós a adaptamos e partilhamos agora com nossos leitores,
certos de que será motivo de
meditação.— *A Redação*



Queridos Irmãos da Igreja:

No próximo sábado três distintas famílias serão batizadas em nossa igreja. Como os membros da igreja serão convidados a votá-las como membros também, conviria que soubéssemos de antemão alguma coisa sobre esses novos futuros membros. Talvez eles não possuam as altas qualificações que alguns de vós pensam que deviam possuir para serem membros da igreja adventista do sétimo dia, mas sendo que nenhum de nós é perfeito, não temos o direito de julgá-los. Devemos ser "compreensivos e tolerantes."

Certamente conhecemos os Silva; eles têm freqüentado nossa igreja por várias semanas já. Como tereis notado, a Sra. Silva usa pintura, e nós temos procurado animá-la a deixar este uso. Mas ela tem feito a observação de que, como muitos membros atuais da igreja também usam, não lhe parece coerente que esperemos deixe ela de se pintar, e nada façamos em relação aos outros membros da igreja que se pintam. Cremos que nisto ela marcou um tento, mas como "é o que há em nosso interior que conta," decidimos não dar a isto maior importância.

Os Ferreira são outro fino casal a quem poucos de vós têm encontrado, uma vez que vieram à igreja apenas uma vez desde que se tornaram interessados na mensagem. Ambos trabalham longas horas durante a semana, estando por demais cansados quando vem o sábado, de modo que não freqüentam a Escola Sabatina. Mas eles afirmam que procurarão vir à igreja ao menos duas ou três vezes ao ano, a fim de mostrar que realmente desejam ser adventistas do sétimo dia.

Em virtude de um acidente, os Ferreira tiveram pesadas despesas médicas, e como também compraram um carro novo e têm tido muitos gastos com o seu aparelho de TV, não estão em condições de entregar o dízimo até que suas dívidas tenham sido pagas, o que acontecerá dentro de um ou dois anos. Eles não aceitaram totalmente nossa mensagem de saúde — ainda usam café a chá — mas nos asseguraram que tencionam deixar estes hábitos tão logo o possam.

A terceira família a ser batizada no próximo sábado, os Alves, comparece à igreja ocasionalmente. O Sr. Alves ainda trabalha aos sábados, quando o trabalho se acumula em seu escritório, mas ele espera conseguir um auxiliar dentro de poucos meses, e poderá freqüentar a igreja regularmente então.

A Sra. Alves, infelizmente, usa brincos e, como sabeis, não batizamos pessoas que usam jóias. Mas os seus brincos são muito atrativos, e ela insiste em que são mais modestos do que alguns broches vistosos que irmãs desta igreja estão usando em seus vestidos. Sendo muito difícil explicar a diferença entre pequenos brincos e grandes broches e outros ornamentos semelhantes, devemos permitir que ela continue a usá-los em vez de "ofendê-la e desencorajá-la," visto que ela é muito sensível com respeito a isto.

Os Alves têm uma filha muito gentil, que deverá casar breve com um moço católico. Sugerimos que ela não devia usar anel de noivado (alianças), mas ela acha que seria muito mais errado não usar, e assim encorajar alguns jovens a que lhe façam a corte, pois não saberiam noiva sem a aliança, ao passo que usando-a, estaria mostrando a sua fidelidade e amor para com o seu noivo. Uma vez que o uso de aliança não é prova de discipulado, concordamos em batizá-la assim mesmo. De qualquer modo estamos mais preocupados é com a atitude de seu jovem irmão, que também vai ser batizado, e usa grande anel distintivo de sua classe escolar. Mas este jovem nos garantiu que tirará o seu anel tão logo os outros membros de nossa igreja tirem os seus.

Como todos os membros destas três famílias são pessoas muito distintas, e estão ansiosos por ser batizados, certamente levantareis a mão aprovando, não é certo?

Calma! Não sereis chamados a fazer isto.

As pessoas acima são puramente fictícias. Estamos apenas procurando desafiar o pensamento para reflexões sobre este assunto, levantando a seguinte pergunta: Deve esta igreja manter *duas normas*, uma para os que estão para unir-se à igreja e outra para os que já são membros da igreja?

As pessoas que serão batizadas no próximo sábado, pessoas na verdade muito distintas, aceitaram a alta norma que nos é proposta na Bíblia e no Espírito de Profecia.

Oramos para que sejam fiéis aos sagrados votos requeridos aos que desejam pertencer à igreja remanescente.

Estais prontos a ajudá-los neste sentido, não é verdade? Ou ser-lhe-eis uma pedra de tropeço em virtude de haverdes comprometido os solenes votos que tomastes quando do vosso batismo?

Sinceramente,
Pastor Álvaro Siqueira

O DIRETOR FAZ DEZ AO DR. MAX

A igreja adventista não faz acepção de pessoas baseada na cor da pele, na nacionalidade, profissão ou grau de educação. É muito comum ver sentados na plataforma de uma igreja um médico, ou um industrial, ao lado de um operário de construção ou um sapateiro. Muitas comissões da igreja são uma clara ilustração da igualdade que pregamos e praticamos.

Contudo, cremos que é necessário levar a mensagem a pessoas de posição social elevada, que têm o mesmo direito e a mesma necessidade da salvação que o pobre. Pouco temos feito neste sentido.

Na cidade de Lima, Peru, surgiu faz pouco tempo uma organização missionária com o objetivo de levar a mensagem a profissionais, homens de empresa etc., experiência que, cremos deveria repetir-se em muitos outros centros urbanos onde há os que teriam condições de realizá-la.

A fim de conhecer melhor o funcionamento desta original organização entrevistamos o Dr. Max Mallqui, assessor jurídico da União Incaica e inspirador deste movimento missionário.

O Dr. Mallqui é adventista há quatro anos, havendo chegado de modo providencial ao conhecimento da verdade. Como assessor jurídico da obra no Peru, exerceu um trabalho decisivo ao enfrentar a igreja problemas graves naquele país. Com sua cordialidade habitual, o Dr. Mallqui responde da seguinte forma às perguntas de O Ministério Adventista:

P. Temos ouvido sobre a existência de uma organização da qual o senhor é presidente. Poderia dar-nos o nome da organização e os seus objetivos?

R. A organização chama-se "Associação de Profissionais e Homens de Empresa Adventistas do Peru." Funciona há dois anos e seu único objetivo é missionário, vale dizer levar a mensagem a profissionais, gente que em virtude de preconceitos sociais é às vezes difícil de ser ganha para a verdade pelos métodos tradicionais de evangelização.

P. É essa organização uma entidade independente da igreja ou em sua constituição buscaram-se apoio e assessoramento das pessoas responsáveis ou comissões da igreja no Peru?

R. Não se trata de um plano independente ou espontâneo, senão que foi todo organizado em comum acordo e conselho com a direção da obra, da qual — importa dizer — temos recebido apoio total ao levar avante nosso programa de atividades.

Acrescentaria que nosso presidente é o Pastor Roberto Pierson sendo vice-presidentes honorários os Pastores R. Wilcox e R. Gulón, presidentes da Associação Geral, da Divisão Sul-Americana e da União Incaica respectivamente. Além disto são conselheiros o diretor de Educação da União Incaica, o diretor do Centro de Educação Superior da União e o pastor da igreja de Miraflores.

P. Conquanto não saibamos ainda quem são os membros da A.P., desejaríamos saber quem faz parte da direção atual, além destes a quem o senhor já mencionou.

R. Neste momento a direção é formada pelas seguintes pessoas:

Presidente:

Dr. Max Mallqui

Vice-presidente:

Dra. Verna Alva (Psiquiatra)

Secretário:

Eng. Alexandre Salas (Eng. civil e arquiteto)

Vice-secretário:

Pedro P. León (Dr. em Educação e pastor aposentado)

Imprensa e Relações Públicas:

André Achata (Pastor e educador aposentado)

O falecido Daniel Hammerly Dupuy era o diretor de conferências até o momento de sua morte.

P. Embora o nome já nos sugira, gostaríamos de saber quem pode ser membro da A.P., e quais os requisitos para sê-lo.

R. Podem ser membros os profissionais leigos, os pastores das igrejas adventistas,

PERGUNTAS MALLQUI

além de suas respectivas esposas. Em nosso regulamento profissional estipulam-se as condições de admissão, que podem ser assim resumidas:

1) Ser membro da igreja adventista do sétimo dia.

2) Ser apresentado por um dos membros ativos.

3) Aceitar submeter-se aos regulamentos e cumpri-los.

4) Ter o nome aprovado pela diretoria, depois de apresentar uma solicitação por escrito.

5) Pagar uma taxa de 20 soles por mês, equivalentes a aproximadamente dois cruzeiros e cinquenta centavos.

A esposa é membro automaticamente, se o marido o é.

Atualmente contamos com 85 membros ativos.

P. De que modo é eleita a diretoria?

R. Durante uma assembléia geral de todos os membros e com a assistência dos conselheiros, elege-se democraticamente a nova diretoria.

P. Sem dúvida o que mais interessará a nossos leitores será o trabalho missionário que realizam e o método que usam. Poderia explicar-nos como agem neste sentido?

R. Temos reuniões-jantar cada mês, cada dois meses ou quando algum acontecimento especial o aconselhe. Por exemplo, por ocasião da visita do Pastor Pierson ao Peru, tivemos uma reunião em que o presidente da Associação Geral fez uso da palavra. Havia mais de 60 profissionais não adventistas. As reuniões foram realizadas no Country Club, em Lima, lugar de reconhecido prestígio na cidade.

P. Quer dizer que as reuniões podem ser assistidas por pessoas além dos associados?

R. Efetivamente. Cada sócio adventista convida a quantos profissionais deseje, entendendo-se que correrão por sua conta as despesas com comida, tanto sua como de seus convidados. Além des-

ta limitação há uma de ordem moral: Toda pessoa convidada deve ser de reconhecida idoneidade moral e prestígio profissional. O propósito da reunião é dar a conhecer nossos princípios a nossos convidados, tanto por nossa maneira de ser como pelo alimento servido, bem como pelo programa da reunião.

P. Poderia explicar-nos em que consiste o programa que realizam?

R. O programa divide-se em duas partes: uma social e a outra cultural e religiosa. A primeira consiste no jantar em si, pelo qual ensinamos os nossos princípios de viver, saudável. Mais de uma pessoa tem ficado profundamente impressionadas com isto. A segunda consiste numa apresentação artística, cultural e religiosa, que varia de uma reunião para outra. Há participantes musicais, tanto da parte dos adventistas como dos visitantes e uma palestra a cargo de um pastor ou profissional. Poderíamos mencionar alguns dos temas apresentados: O exemplo de Daniel como Funcionário Público; O Valor da Reforma de Saúde; A Arqueologia e a Bíblia, tema apresentado por Daniel Hammerly Dupuy, que causou verdadeiro impacto nos visitantes; a Obra Médico-Missionária Mundial Adventista, com explicação com diapositivos, especialmente do Hospital do Pênfigo, a cargo do Pastor H. J. Peverini. Em algumas ocasiões tem feito uso da palavra também um visitante, como no caso do Dr. Guilherme Focks, capitão de navio e diretor de medicina nuclear do Hospital Naval do Peru.

P. Depois de dois anos de atividades, estão os senhores satisfeitos com o que foi alcançado pela A. P.?

R. Certamente. Estamos satisfeitos com o que foi alcançado até o momento. A influência da A. P. tem-se manifestado em três áreas:

Primeiro um maior conhecimento da igreja adventista por parte de altas esferas do país, o que redundará em maior apreciação. Assim tem-se podido chegar a esferas difíceis de serem alcançadas por

outros meios. Segundo, como conseqüência lógica do anterior, temos recebido o apoio de pessoas influentes para a solução de problemas ou em abrir portas para a pregação da mensagem. Graças a nossas atividades foi possível conseguir um espaço gratuito no Canal 4 da TV de Lima, para a transmissão de "Uma Luz no Caminho." De passagem, posso acrescentar que a A. P. comprou mediante campanha entre seus sócios, 20 filmes do mencionado programa, numa importância equivalente a quase seis mil cruzeiros. Com o mesmo sistema, está adquirindo outra partida nova, pagando a A. P. 50% do valor e a União os outros 50%. Graças a essas transmissões, chegam infindade de cartas solicitando lições ou informações. Terceiro, várias pessoas conatadas, entre eles militares de alta graduação, ou suas respectivas esposas estão estudando as lições de A Bíblia Fala. Algumas já assistem à igreja.

Logicamente o programa não pode ser demasiado agressivo no teórico, conquanto muito já se tenha feito, mas temo-nos proposto apresentar aos nossos convidados, nas reuniões e fora delas, mediante o nosso exemplo, que a mensagem adventista é a verdade para esta hora. A oração que é apresentada impressiona de modo especial aos visitantes, que de quando em quando expressam sua satisfação e agradecimento. Esperamos conversões como fruto deste trabalho.

P. Crê o senhor Dr. Mallqui, que se po-

deria realizar um plano similar em outras cidades sul-americanas também?

R. Certamente. Embora eu não conheça as congregações adventistas em algumas das grandes cidades sul-americanas, tenho informação da existência nelas de dezenas e centenas de profissionais e homens de empresa. Se o plano se estendesse, creio que chegaríamos com a mensagem a muita gente que, embora em elevada posição socio-econômica, necessitam de Jesus e da salvação. Se pudermos servir de algum modo com mais informações sobre nosso agrupamento e suas atividades na organização, estamos prontos a fazê-lo com prazer.

E assim termina nossa entrevista. Retiramo-nos com a convicção de que estamos diante de um projeto frutífero de dar realidade ao que a irmã White aconselha. Diz ela, referindo-se às classes elevadas: "Deus converterá a homens que ocupam postos de responsabilidade, homens de intelecto e influência. Mediante o poder do Espírito Santo, muitos aceitarão os princípios divinos. Convertidos à verdade, chegarão a ser instrumentos nas mãos de Deus para comunicar a luz. Sentirão uma preocupação especial por outras almas desta classe descuidada. Consagrarão tempo e dinheiro à obra do Senhor, e novo poder e nova eficiência serão acrescentadas à igreja." — Serviço Cristão, pág. 204.

Oxalá esta semente possa brotar também em outras cidades desta Divisão.



OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



O ESTADO DO HOMEM NA MORTE

Pergunta 41

Por que não aceitam os senhores a crença, mantida geralmente de que por ocasião da morte o homem vai, ou para o Céu ou para o inferno? Esta crença é tão amplamente adotada pelos cristãos da maioria das denominações, que se tornou hoje uma das doutrinas ortodoxas no espírito da maioria dos guias eclesiásticos.

O estado do homem na morte tem intrigado os doutos através dos séculos. Muitos líderes ilustres têm diferido entre si quanto a esta doutrina, e não poucos têm discordado da opinião popular. (Ver a perg. 44.) Os adventistas têm procurado seguir o que eles crêem ser o ensino da Escritura Sagrada quanto a receber o homem, ao morrer, sua recompensa imediata, ou repousar na sepultura, aguardando a manhã da ressurreição.

Nós, adventistas, chegamos à definitiva conclusão de que o homem descansa na tumba até à manhã da ressurreição. Então, na primeira ressurreição (Apoc. 20:4 e 5), a ressurreição dos justos (Atos 24:15), estes ressurgem imortais, ao chamado de Cristo, o Doador de vida. Participam então da vida eterna, em seu lar eterno, no reino da glória. É assim que compreendemos o assunto.

I. A Morte Como é Descrita na Escritura

No Antigo Testamento a palavra "morte" se refere quase exclusivamente à morte física. No Novo Testamento ela assume outras nuances de sentido, como se vê nas várias palavras gregas usadas. O termo usado com mais freqüên-

cia é *thanatos*, que quer dizer, ou morte física, ou uma indiferença carnal às coisas espirituais, ou uma insensibilidade aos assuntos divinos. As palavras gregas para "sono" — tais como *koimao*, *katheudo*, e *hupnos* — muitas vezes traduzidas por "sono," referem-se freqüentemente ao sono da morte.

W. E. Vine (*Expository Dictionary of New Testament Words*, 1939, Vol. 1, pág. 81), observa o seguinte:

Este uso metafórico da palavra *sono* é apropriado, por motivo da semelhança que há entre um corpo adormecido e um corpo morto.

Referindo-se ao sentido de "morte," diverso do de morte física, os autores do Novo Testamento declaram que os que condescendem com os prazeres da impiedade são "mortos" embora vivam (I Tim. 5:6); os que estão fora de Cristo acham-se "mortos em ofensas e pecados" (Efés. 2:1); os que se convertem a Deus passam "da morte para a vida" (S. João 5:24); os que nasceram de novo estão "mortos para o pecado" (Rom. 6:11); e o verdadeiro filho de Deus "nunca verá a morte" (S. João 8:51).'

II. Estado do Homem na Morte

As Escrituras expõem claramente o estado do homem na morte. Os textos seguintes respondem a muitas perguntas que nos vêm ao pensamento.

Sal. 6:5 — "Na morte não há lembrança de Ti; no sepulcro quem Te louvará?"

Sal. 30:9 — “Que proveito há, ... quando desço à cova? Porventura Te louvará o pó? anunciará ele a Tua verdade?”

Sal. 88:10 — “Mostrarás Tu maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e Te louvarão?”

Sal. 115:17 — “Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.”

Sal. 146:4 — “Sai-lhes o espírito, e eles tornam-se em sua terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos.”

Ecles. 9:5 e 6 — “Os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Até o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do Sol.”

Isa. 38:18 e 19 — “Não pode louvar-Te a sepultura, nem a morte glorificar-te; nem esperarão em Tua verdade os que descem à cova. Os vivos ... esses Te louvarão.”

I Cor. 15:17 e 18 — “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé... E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.”

* Reconhecemos que todos os homens, tanto os justos como os ímpios, morrem. Mas o sentido dessa passagem é que os filhos de Deus não experimentarão a *segunda morte*.

III. A Ressurreição, e Não a Morte, é a Esperança dos Santos

Em todas as cartas apostólicas, é impressionante o fato de que o fundamento da mensagem evangélica era o fato de haver Jesus, o Messias, *ressurgido dentre os mortos*. Em parte alguma referem os apóstolos que Sua alma tivesse voltado do Céu. Mencionam expressamente que Ele ressurgiu dos mortos (S. Luc. 24:3-6). Isto é repetido várias vezes. “Sua alma não foi deixada no Hades” (a sepultura); (Atos 2:31; Sal. 16:10), ou seja, no hebraico, *sheol*, embora Ele tivesse derramado “a Sua alma na morte” (Isa. 53:12).

A *ressurreição é chamada a esperança do cristão*. (Ver S. João 6:39 e 40; S. Luc. 20:37; comp. com S. Mat. 11:5; S. Luc. 7:22.) Jô declarou: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a terra” (Jô 19:25). E o salmista Davi, expressando sua esperança quanto ao futuro, declarou: “Satisfar-me-ei da Tua semelhança quando acordar.” Sal. 17:15.

Mesmo nos dias de Jesus, quando os fariseus Lhe fizeram perguntas acerca do futuro, não falaram na questão da morte, mas sim do assunto da ressurreição (S. Mat. 22:28-30). A esperança de Paulo firmava-se definitivamente nesse acontecimento culminante. Escrevendo à igreja de Filipos, expressou os anelos da alma quando exclamou: “Para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos” (Filip. 3:11). (Ver também I Cor. 15:18, 22 e 23; I Tess. 4:14 e 17.) O Novo Testamento refere-se à ressurreição dos cristãos como “a ressur-

reição da vida” (S. João 5:29), “pela ressurreição de Jesus Cristo” (I S. Ped. 3:21).

A *recompensa é dada aos santos, não por ocasião da morte, mas do segundo advento*. A ressurreição dos justos dar-se-á quando nosso Salvador voltar do Céu para reunir Seu povo (S. Mat. 16:27; Isa. 40:10; II Tim. 4:8 etc.).

Outro fato importante é que, por ocasião da morte, os santos descem à sepultura. Viverão de novo, para viver com Jesus, depois de ressurgirem dos mortos. Dormindo no túmulo, os filhos de Deus nada sabem. Não lhes importa o tempo. Se ali ficassem mil anos, esse tempo se lhes afiguraria um instante apenas. A pessoa que serve ao Senhor, cerra os olhos ao morrer, e quer decorra um dia, quer decorram dois mil anos, seu próximo momento consciente será quando abrir os olhos e contemplar seu bendito Senhor. Para ele, segue-se à morte a súbita glória.

IV. Primeira e Segunda Morte

Conquanto não apareça na Bíblia a expressão “primeira morte,” usa-se a outra, “segunda morte,” em Apoc. 2:11; 20:6 e 14; 21:8). Esta *segunda morte* associa-se com a punição final dos ímpios, e indica, aliás, uma morte da qual não existe ressurreição. A primeira morte é obviamente aquela que resultou da transgressão de Adão. Desta primeira morte, ou sono, haverá uma ressurreição para toda a humanidade. Isto se aplica a todos, justos e injustos, pois as Escrituras dizem claramente que “haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos” (Atos 24:15). Bem observa Alberto Barnes, sobre S. João 11:11:

Nas Escrituras, a palavra sono é usada para dar a entender que a morte não será *final*: que vai haver um despertar desse sono, ou seja, uma ressurreição. É uma expressão bela e terna, que remove tudo que na morte é terrível, e enche a mente com a idéia de calmo repouso após uma vida de labuta, com alusão a uma ressurreição futura com aumentado vigor e faculdades renovadas.

V. Alguns já Voltaram da Sepultura

Se, por ocasião da morte, uma alma ou espírito consciente deixasse imediatamente o corpo, indo para o Céu ou para o inferno, que seria, então, dos que morreram e já ressuscitaram? Tiveram eles qualquer coisa a nos contar? Há pelo menos sete casos de pessoas que ressuscitaram dentre os mortos: o filho da viúva (I Reis 17); o filho da sunamita (II Reis 4); o filho da viúva de Naim (S. Luc. 7:11-15); a

filha de Jairo (S. Luc. 8:41, 42 e 49-56); Tabita (Atos 9:36-41); Êutico (Atos 20:9-12); e Lázaro (S. João 11:1-44; 12:1 e 9).

Sem dúvida alguns desses tinham morrido havia pouco, pois segundo o costume dos judeus, o sepultamento se dava no mesmo dia do falecimento. (Ver A. T. Robertson, *Word Pictures*, sobre S. João 12.) Lázaro, porém, fazia mais tempo que morrera — “quatro dias,” segundo disse Marta.

A pergunta que naturalmente surge é a seguinte: Foi a alma dessas pessoas, imediatamente após a morte, ou para o Céu ou para o inferno? Neste caso, seria rematada crueldade tirar alguém do Céu, onde, uma vez chegado, naturalmente esperaria ficar para sempre. Devolver alguém, dos domínios da bem-aventurança, para este vale de lágrimas, seria expô-lo ao risco de pecar de novo, e perder assim a recompensa eterna. Por outro lado, alguém que fosse chamado do inferno, como se entende geralmente, dar-lhe-ia isto muita satisfação por livrar-se do castigo, e teria ele outra oportunidade de aceitar o evangelho da graça de Deus.

Se a alma, por ocasião da morte, fosse ou para o Céu ou para o inferno, certamente os que já ressuscitaram falaria das glórias da terra celestial, ou advertiriam os pecadores, em termos positivos, dos tormentos dos condenados. Entretanto, não existe registo de haverem eles dito uma palavra sequer. Quão estranho é que, se é certo que a alma ou espírito sobrevive à morte, como entidade consciente, não tenhamos nenhuma palavra de qualquer dos indivíduos mencionados, acerca do que lhes aconteceu durante o período em que estiveram mortos!

Excelente comentário sobre o assunto aparece em *Expositor Bible*, de W. Robertson Nichol:

Qual foi a experiência de Lázaro, nesses quatro dias? Especular quanto ao que ele viu ou ouviu ou experimentou, traçar o remigio de sua alma através dos portais da morte para a presença de Deus, pode parecer a alguns tão insensato como acompanhar aqueles curiosos judeus, que afluíram a Betânia para pôr os olhos nessa maravilha: um homem que passara para o mundo invisível e todavia dele retornou. Mas, embora, sem dúvida haja bons e grandes propósitos na obscuridade que envolve a morte, não se pode julgar inteiramente ocioso nosso empenho de penetrar as sombras, e obter alguns vislumbres de uma vida da qual havemos de em breve participar. Infelizmente, é pouco o que aprendemos de Lázaro. — Volume I, sobre S. João, pág. 360.

A probabilidade é que ele nada tivesse a revelar. Como Jesus disse, Ele fora “para despertá-lo” do sono (S. João 11:11). Tivesse Lázaro aprendido quer que fosse do mundo dos espíritos, algo haveria que transparecer. A preocupação quanto a um segredo que todos os homens ansiavam por desvendar, e que os escribas e doutores da lei de Jerusalém teriam feito tudo para dele extrair, ter-lhe-ia prejudicado a mente e oprimido a vida. Seu ressurgimento deve ter sido como o despertar de um homem, de um sono profundo, mal sabendo o que fazer, trope-

çando e cambaleando na mortalha, e surpreso à vista da multidão. O que Maria e Marta não de ter apreciado foi o imudado amor que se lhe refletia do semblante, ao reconhecer-las, a mesma voz familiar e as expressões de ternura — tudo o que mostrava quão pouca mudança traz a morte, quão pequena ruptura de afeições ou de qualquer elemento bom, quão verdadeiramente era ele ainda o irmão delas. — *Idem*, pág. 362.

Bem se poderia mencionar um dos santos da antiguidade. Morreu, como era natural, e foi sepultado, como o foram seus pais antes dele. Diz o registo divino: “Davi... morreu e foi sepultado e o seu túmulo permanece entre nós até hoje” (Atos 2:29). Dizer que foi o corpo de Davi que foi sepultado, e que sua alma foi para o reino das bem-aventuranças, por certo não estaria de acordo com o ensino da Palavra de Deus. Poderia isto estar de acordo com a teologia popular, mas a Palavra divina declara categoricamente que “Davi não subiu aos Céus” (v. 34).

É o Batismo . . .

(Continuação da pág. 7)

diante Jesus Cristo, seu Salvador. Não somos apenas sepultados com Cristo no batismo, mas “como Cristo ressuscitou dos mortos para glória do Pai, assim também nós andamos em novidade de vida.” Rom. 6:4.

“O batismo é uma solene renúncia do mundo. Os que são batizados no tríplice nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no momento de entrar na vida cristã, *declaram publicamente* que abandonaram o serviço de Satanás, e passaram a ser membros da família real, filhos do celeste Rei.”¹²

Neste sentido as palavras de Cristo ditas a Nicodemos adquirem singular atualidade: “Aquele que não nascer da carne e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.” S. João 3:5.

1. Ellen G. White, *Estudios de los Testimonios*, pág. 377.
2. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 77 e 78.
3. *Ibidem*.
4. Padre Jesus de Bujanda, *Manual de Teologia Dogmática*, pág. 359.
5. *Idem*, pág. 364.
6. *Idem*, pág. 322.
7. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 73.
8. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 319.
9. *Idem*, págs. 307 e 308.
10. R. Buftmann, *Theologie des Neun Testaments*, pág. 133, citado por Charles Masson em *Cuadernos Teológicos*, Buenos Aires.
11. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 307.

OPERAÇÃO AVANTE
(Campanha Grande)



No que lhe diz respeito, está preparado para participar ativamente nela? Está seguro de que a planificação envolve todos os elementos disponíveis? Está a sua igreja espiritualmente preparada para uma realização de tal porte?

DEPENDE DE VOCÊ
AVANTE!

18 de AGOSTO a 3 de NOVEMBRO de 1973